RELICI

PUNK IS NOT DEAD: UMA ANÁLISE DA MORTE DO PERSONAGEM BOB CUSPE EM DIFERENTES SUPORTES NARRATIVOS[1]

PUNK IS NOT DEAD: AN ANALYSIS OF THE DEATH OF THE CHARACTER BOB CUSPE IN DIFFERENT NARRATIVE SUPPORTS

Taís de Barros[2]

RESUMO

Esse artigo objetiva investigar as estratégias narrativas voltadas para a morte do personagem Bob Cuspe do cartunista Angeli, em dois suportes distintos: quadrinhos e cinema de animação. Por meio de uma estratégia metodológica inspirada na pesquisa exploratória, foi possível analisar de forma comparativa a narrativa da morte de Bob Cuspe nos quadrinhos e na animação. Assim, estudou-se nesta comunicação a coletânea “Todo Bob Cuspe” de Angeli (2015) e o filme animado, “Bob Cuspe - Nós não gostamos de gente” do diretor César Cabral (2021).

Palavras-chave: animação, quadrinhos, cinema nacional, animação para o público adulto, Bob Cuspe, Angeli.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to investigate the narrative strategies aimed at the death of the character Bob Spit by the cartoonist Angeli, in two different supports: comics and animation. Through a methodological strategy inspired by exploratory research, it was possible to comparatively analyze the narrative of Spit's death in comics and animation. Thus, this communication investigated the collection “Todo Bob Cuspe” by Angeli (2015) and the animated film, “Bob Spit - We do not like people” by director César Cabral (2021).

Keywords: animation, comics, Brazilian cinema, animation for adult, Bob Spit, Angeli.

[1] Recebido em 26/02/2023. Aprovado em 07/03/2023. doi.org/10.5281/zenodo.8027293
[2] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. tais.barros.001@acad.pucrs.br.

RELICI

INTRODUÇÃO

O universo da animação é vasto e transmidiático, assim, pode ser explorado em diferentes mídias. É comum assistirmos a conteúdos animados na televisão, cinema e internet, voltados, via de regra, para o público infantil. Mas, o mercado de animação não se prende somente a esses conteúdos.

As animações também estão presentes na vida do público juvenil e adulto, em séries, filmes, jogos e em conteúdos publicitários. A linguagem animada é bastante difundida e aceita por diversos públicos, afinal, ela é visualmente atrativa, de fácil compreensão e dialoga bem com o mercado global, podendo ser facilmente adaptada para diferentes culturas, línguas e sendo realizada por profissionais do mundo inteiro.

No cenário brasileiro, a animação nacional possui muitas lacunas, uma delas é referente às animações desenvolvidas para o público adulto. O mercado mundial de animação tem um espaço relevante reservado para o público adulto, segundo o "mapa da animação". Nos Estados Unidos, o mercado de licenciamento é 50% infantil e 50% adulto. Já, no Brasil, é 70% infantil (MAPEAMENTO DA ANIMAÇÃO NO BRASIL, 2019). Conforme a organização do Mapeamento da Animação no Brasil (2019):

> No mercado internacional, e particularmente no Brasil, investia em animação para adulto quem estava muito a fim de fazer um trabalho autoral, sem pretensão mercadológica. Mas isso está mudando, e vai mudar cada vez mais. As portas se abriram para a animação para adultos.

Em 2021, o personagem Bob Cuspe sai das imagens estáticas e ganha movimento, voz e dimensão, em seu filme animado para o público adulto, "Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente" do diretor César Cabral e livremente inspirado

na obra de Angeli[3]. O filme é inspirado no personagem dos quadrinhos da revista “Chiclete com Banana”, Bob Cuspe. Esta comunicação propõe uma análise comparativa entre um elemento narrativo presente nos dois suportes narrativos (quadrinhos e animação): a morte de Bob Cuspe.

Para isso, a questão norteadora busca compreender quais são as estratégias narrativas voltadas para a morte do personagem Bob Cuspe em diferentes suportes. Para responder esta questão, buscou-se uma estratégia metodológica inspirada na pesquisa exploratória, onde através de extração de frames e quadros, foi possível analisar de forma comparativa a narrativa da morte de Bob Cuspe.

O presente trabalho pertence a uma pesquisa de mestrado, em andamento, que tem por objetivo compreender a trajetória da animação adulta brasileira, seu surgimento e evolução, para assim, a conceituar de acordo com as suas características. Quando se estuda a animação nacional, algo pertinente é a trajetória de cartunistas que se tornam animadores, como é o caso do primeiro filme de animação nacional “O Kaiser", de 1917, animado pelo cartunista Seth. Ainda, há casos de personagens populares em desenhos estáticos que se tornam desenhos animados, como é o caso de Rê Bordosa[4] no filme “Dossiê Rê Bordosa” e do protagonista deste artigo, Bob Cuspe.

Esta pesquisa, busca preencher uma lacuna metodológica de análise comparativa entre quadrinhos e animação, contribuindo, assim, para análises futuras de objetos derivados dos quadrinhos para animação e vice-versa. Assim, avançamos mais um passo na pesquisa de mestrado, visto que a animação nacional para o público adulto é recheada de personagens icônicos dos quadrinhos, como é o

[3] Cartunista brasileiro nascido em 1956 e criador do personagem Bob Cuspe.
[4] Personagem do cartunista Angeli.

RELICI

caso do filme “Cidade dos Piratas[5]”, inspirado nos personagens da cartunista Laerte e do filme “Wood & Stock: Sexo, Orégano e Rock'n'Roll”[6], inspirado em personagens do cartunista Angeli.

BOB CUSPE: A ORIGEM

Em 1985, diretamente das tirinhas[7] da *Folha de São Paulo* para os quadrinhos, nascia a revista “Chiclete com Banana”, publicada pela Circo Editorial (ANGELI, 2015). A revista reunia obras *underground*[8] de uma nova onda de cartunistas brasileiros, composta por Angeli, Laerte, Glauco, Luiz Gê, entre outros. A publicação foi precursora da contracultura dentro dos quadrinhos nacionais e se destacou pela criação de personagens icônicos como: Rê Bordosa, Os Piratas do Tietê e Geraldão. A revista, assim como seus personagens, possuíam cunho narrativo exclusivamente para o público adulto. Essa característica é indicada nas capas onde, por vezes, se encontravam a frase “Para adultos” ou “Desaconselhável para menores de 18 anos” (ANGELI, 2015).

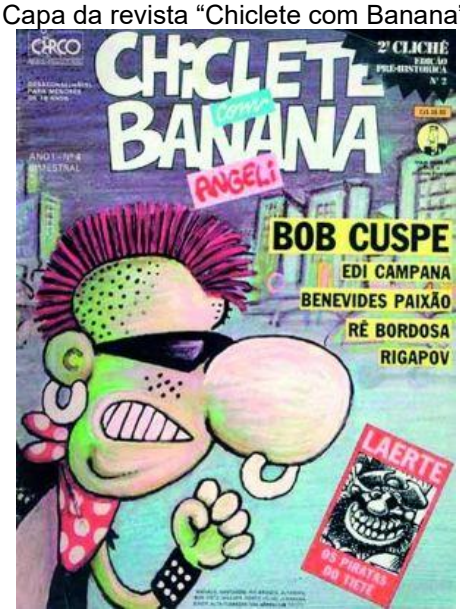
Através das páginas da “Chiclete com Banana”, o cartunista Angeli deu vida ao personagem Bob Cuspe. De acordo com seu criador:

> Conta a lenda que ele não nasceu, foi escarrado num subúrbio qualquer de uma grande cidade qualquer. Cresceu e se transformou num enorme e incômodo furúnculo nas axilas da sociedade. Já foi acusado de direita pelos esquerdistas e de esquerda pelos direitistas, mas não é uma coisa nem outra. Na verdade, é apenas um sujeito que, ao invés de ficar babando de esperança feito tia velha, preferiu arrepiar os cabelos, vestir uma munhequeira e sair por aí, cuspindo em tudo e todos, tornando-se um autêntico nervo exposto (ANGELI, 2015, p.13).

[5] Filme de 2018 do diretor gaúcho Otto Guerra.
[6] Filme de 2006 do diretor gaúcho Otto Guerra.
[7] As tirinhas são um gênero textual caracterizado pelas histórias curtas, geralmente formadas por três ou quatro quadrinhos desenhados.
[8] Em tradução livre: subterrâneo. A cultura underground buscava se destacar com produtos culturais que iam além do que era tradicional ou ofertado pela cultura de massa, fugindo, assim, dos padrões comerciais impostos pela indústria cultural.

RELICI

Figura 1 – Capa da revista “Chiclete com Banana” ano 1 n°4.



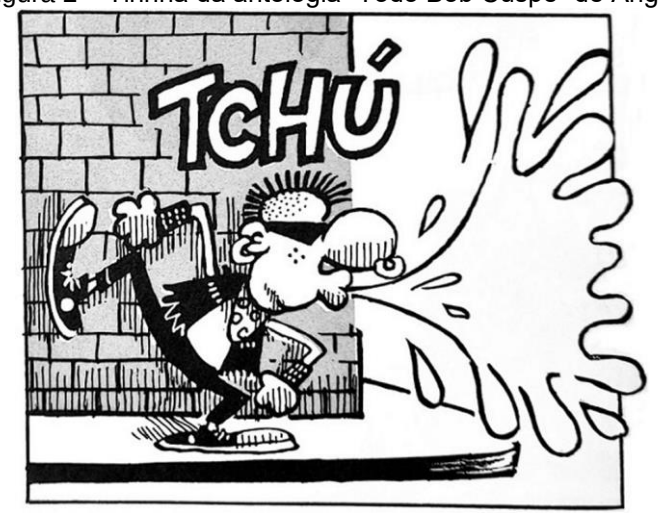
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/558798266238030691/>

Em síntese, Bob Cuspe é a representação do punk e da periferia urbana paulistana durante a década de 80. Além disso, o personagem é considerado o alter ego de seu criador, Angeli, justamente por ser seu primeiro grande sucesso e ter em sua construção muitos dos símbolos, sentimentos, críticas e aflições do próprio cartunista (DINIZ, 2001).

O cuspe, de Bob Cuspe, não é meramente um apelido do personagem, e sim seu superpoder contra a hipocrisia da sociedade moderna e burguesa, a hipocrisia do próprio movimento punk e a hipocrisia do próprio personagem. Bob Cuspe, literalmente, escarrava em tudo e todos que lhe causasse algum desagrado.

RELICI

Figura 2 – Tirinha da antologia “Todo Bob Cuspe” de Angeli



Fonte: Cópia digitalizada do livro realizada pela autora.

A moradia do personagem não poderia refletir melhor a mensagem que o mesmo passa: o esgoto. Assim, Bob Cuspe tem contato com os excrementos da sociedade de forma literal e figurativa, podendo observar e fazer suas críticas ao mundo moderno de todos os ângulos. Esse detalhe de ambiência colabora com a imagem do personagem: cabelo moicano, pele verde, roupas de couro, piercings, óculos escuros e sujeira, ou seja, um punk no imaginário coletivo.

Figura 3 – Tirinha da antologia “Todo Bob Cuspe” de Angeli

Fonte: Cópia digitalizada do livro realizada pela autora.

RELICI

De acordo com Fernando Dias Diniz (2001), Bob Cuspe nada mais é do que fruto das contradições de seu tempo, já que não se encontra isolado da sociedade em que vive:

> Bob Cuspe passa a ser uma figura que critica e que é criticada por não se encaixar, nem querer entender o mundo externo a ele. É aquele que critica o mundo criticado, na dialética entre esses dois pontos de vista, se diluindo na dicotomia de visões e no tédio criado pelo estranhamento denotado ao cotidiano do qual, Bob Cuspe e o próprio Angeli se inserem (DINIZ, 2001, p. 69).

Ao longo da sua trajetória narrativa, Bob Cuspe passou por diversos estágios. Inicialmente, o personagem possuía casa e família, o que é mostrado através da presença de sua mãe e avó nas tirinhas. Porém, decide morar no esgoto justamente para se voltar contra a sociedade. Percebemos que ele é uma figura conhecida, tanto por outros personagens de Angeli que participam dos quadrinhos do Bob Cuspe, quanto pelos personagens figurantes que estão sempre atentos e com medo de levarem um cuspe do personagem.

Identifica-se que ao mesmo tempo em que há personagens que se irritam, têm nojo do Cuspe, outros fazem reflexões, ou sentem-se excitados após levarem a escarrada, como por exemplo, em uma das muitas tirinhas onde o Bob Cuspe contracena com os personagens Meiaoito e Nanico[9], onde esses questionam o que Bob Cuspe pensa sobre a vida e após levarem uma cusparada, Nanico diz “Orra, Meiaoito! O cara fez uma análise perfeita” (ANGELI, 2015, p. 52).

Durante os anos que o personagem esteve presente nas revistas, os leitores puderam acompanhar sua evolução como punk, sua revolta contra o sistema capitalista, seu primeiro romance, sua primeira entrevista de emprego e primeiro emprego, o personagem ficando idoso e sofrendo problemas da idade – como a

[9] Também personagens do Angeli.

RELICI

perda de alguns dentes – e, a própria sociedade se apropriando do poder do Bob Cuspe para utilizar contra ele, ou seja, a sociedade cospe em Bob Cuspe.

Figura 4 – Tirinha da antologia “Todo Bob Cuspe” de Angeli

Fonte: Cópia digitalizada do livro realizada pela autora.

A frase “Punk is not dead!” pode ser reconhecida como título do albúm da banda punk *The exploited*[10] ou filme documentário de 2007[11], porém, para os fãs de Bob Cuspe, a frase sempre será lembrada como um grito de guerra do personagem que através de suas narrativas buscava resgatar o orgulho e dignidade do punk marginalizado dentro do contexto urbano de uma sociedade pós-ditatorial[12] e, ainda, muito conservadora.

A morte de Bob Cuspe marca o ato final do personagem. Porém, ela é apenas uma participação especial do personagem dentro da saga dos irmãos Kowalski, publicada em 2008 (ANGELI, 2015). A história ocorre em uma São Paulo pós apocalíptica, onde Bob Cuspe é um velho punk que caça mini Elton Johns[13] mutantes para comer. Em uma de suas caçadas, ele encontra os irmãos Kowalski e os prende no esgoto onde mora. No entanto, os mini Elton Johns encontram o Bob Cuspe e o devoram. Os irmãos Kowalski conseguem pegar a chave da gaiola em

[10] <https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Exploited>
[11] <https://en.wikipedia.org/wiki/Punk%27s_Not_Dead_(2007_film)>
[12] Entre 1964 e 1985 o Brasil sofreu uma ditadura militar.
[13] Também personagens do Angeli.

RELICI

que estão presos e fogem. A frase que determina o fim de Bob Cuspe é dita por um dos irmãos Kowalski “E, pior: Punk is dead!”. Discorreremos mais sobre a morte do personagem em diferentes suportes narrativos (quadrinhos e animação) nos próximos capítulos.

DOS QUADRINHOS À ANIMAÇÃO

Como anteriormente revisado, o personagem Bob Cuspe nasce nas histórias em quadrinhos. Portanto, para compreender a transição do personagem estático para o personagem em movimento, se faz necessário compreender o que são quadrinhos. Para Will Eisner, em seu livro “Quadrinhos e arte sequencial” de 1995, a principal característica das histórias em quadrinhos advém dos dois dispositivos de comunicação que ela utiliza para transmitir informações: as palavras e as imagens.

> Decerto trata-se de uma separação arbitrária. Mas parece válida, já que no moderno mundo da comunicação esses dispositivos são tratados separadamente. Na verdade, eles derivam de uma mesma origem, e no emprego habilidoso de palavras e imagens encontra-se o potencial expressivo do veículo. (EISNER, 1995, p. 13)

Scott McCloud em seu livro “Desvendando os quadrinhos” busca definir as histórias em quadrinhos, refutando quem os descreve apenas como uma arte sequencial. Para o autor, em um dicionário, as histórias em quadrinhos deveriam ser significadas dessa forma:

> Histórias em quadrinhos s. pl., usado com um verbo. 1. Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador. (MCCLOUD, 2005, p. 20)

Ainda que o autor admita que ao mesmo tempo que essa definição abrange boa parte do conteúdo em quadrinhos, ela restringe outras possíveis descrições. É importante notar que uma história em quadrinhos adaptada para a animação sofre consequências em sua estrutura. O personagem antes estático ganha movimento e,

RELICI

em geral, as frases escritas são transpostas para falas, ou seja, o personagem ganha voz e corpo. O que antes ocorria tão somente na imaginação do leitor, começa a ganhar preenchimento físico, sobrando menos elementos para o imaginário.

O tempo narrativo sofre com a mudança de suporte, o espaço das páginas se transforma em minutagem do vídeo. A maneira de assimilar a narrativa também se modifica, o que possibilita um nível diferente de detalhamento quanto a texturas, cores, sons, profundidade de tela, entre outros. Ao mesmo tempo, há uma linha tênue entre animar um personagem e descaracterizá-lo por completo, visto que preencher as lacunas do personagem, presentes somente no imaginário do leitor, pode romper com uma identificação projetada do mesmo.

César Cabral, já havia realizado experimentações com a obra de Angeli, antes da realização do longa-metragem “Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente”. O curta-metragem “Dossiê Rê Bordosa”, de 2008, segue uma estrutura semelhante ao filme de Bob Cuspe, misturando animação e documentário para construir um relato da morte da personagem Rê Bordosa, a galinha dos ovos de ouro do cartunista Angeli (MARTINS, 2011).

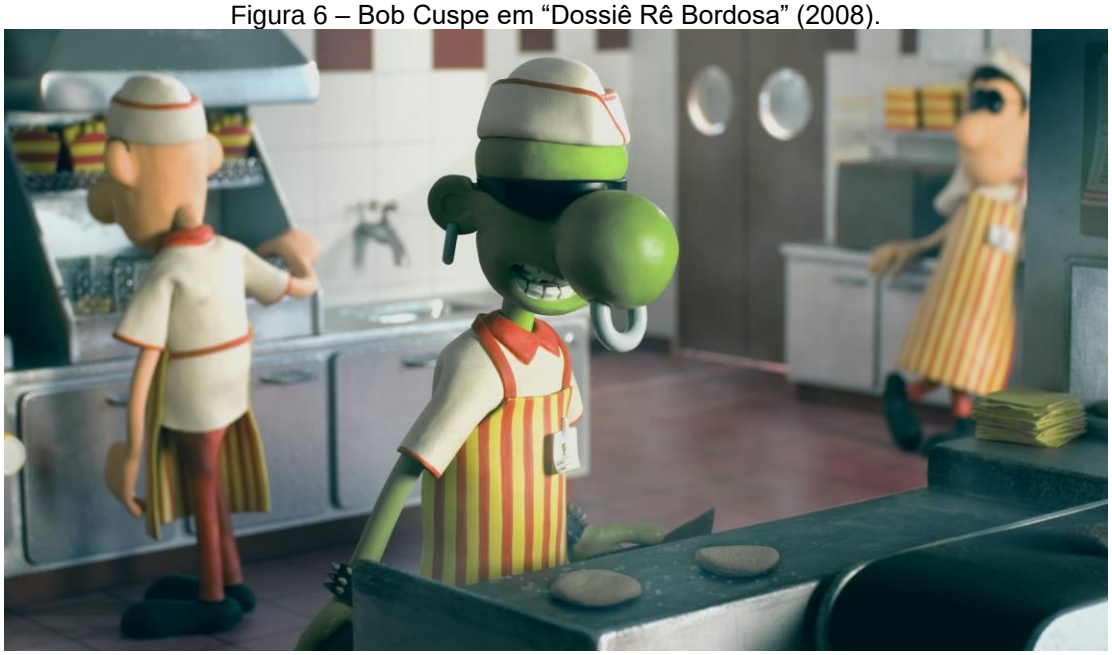
Figura 5 – Pôster do filme “Dossiê Rê Bordosa” (2008) do diretor César Cabral.

Fonte: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-261758/

RELICI

O documentário animado possui dezesseis minutos de duração e sonda as possíveis motivações de Angeli para matar sua personagem no auge da sua carreira (MARTINS, 2011). Para isso, entrevista-se ao longo da narrativa tanto pessoas reais próximas ao Angeli, quanto seus personagens, sendo um dos personagens entrevistados, o Bob Cuspe, em uma versão jovem e trabalhando para uma rede de *fast food* com cores que remetem à franquia americana McDonald 's.

Figura 6 – Bob Cuspe em “Dossiê Rê Bordosa” (2008).



Fonte: http://www.coalafilmes.com.br/Home.aspx

César Cabral também realizou a série animada “Angeli, the Killer” de 2017, onde o cartunista Angeli convoca alguns de seus personagens mais icônicos para debater temas urbanos. Essas três narrativas de César Cabral, o curta-metragem, a série e o longa-metragem, possuem diversos pontos convergentes. Primeiramente, são animações em stop-motion, uma técnica que utiliza a disposição sequencial fotográfica para gerar movimento (SE ANIMA, 2021). Outro ponto é a narrativa documental: as três obras possuem uma mistura de documentário com ficção e livre

RELICI

inspiração na obra do Angeli. Além disso, as três obras trabalham com personagens originalmente dos quadrinhos que são levados às telas através do filme animado.

"Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente", de 2021, é a obra mais recente de César Cabral. O filme é uma mistura dos gêneros documentário, comédia e road-movie, e narra a história do personagem Bob Cuspe, idoso e habitando a mente de seu criador, Angeli. Após quase ser assassinado por mini Elton John's, Bob Cuspe descobre que aquele era o fim planejado por Angeli para ele. Assim, o personagem embarca em uma viagem junto com os irmãos Kowalski pela mente do cartunista, a fim de confrontá-lo sobre sua morte.

Figura 7 – Pôster do filme "Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente" (2021)

Fonte: https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/bob-cuspe/

O cenário dentro da mente do Angeli é pós-apocalíptico e retrata o purgatório. Personagem e autor se misturam à medida que um é sujeito pertencente

ao outro. O filme segue duas estratégias: a primeira é a animação em cima da filmagem documental da entrevista com o Angeli; e a segunda é a ficção ocorrendo dentro da cabeça do Angeli em torno do personagem Bob Cuspe. Notamos que o Bob Cuspe sofre com crises à medida que seu criador também sofre. O personagem está mais sério do que nos quadrinhos, menos jovem, utilizando menos o seu cuspe, com gostos musicais menos restritivos. Em uma das cenas observamos Bob Cuspe cozinhar um mini Elton John enquanto escuta a música “Sonífera Ilha”, o que causa surpresa aos irmãos Kowalski que questionam se o velho punk estaria ouvindo pop.

Todos esses elementos demonstram não somente uma ruptura do personagem com suas características fundadoras, mas do próprio criador em crise buscando se reconectar com sua autoria. O Bob Cuspe não é mais um punk convicto que cospe em tudo e todos, pois o Angeli também não o é mais. Uma prova de que o personagem é uma espécie de alterego do Angeli está no próprio filme quando o Angeli fala “Para mim o Bob Cuspe, foi quando eu incluí a minha vida nas histórias em quadrinhos”.

Figura 8 – Cena do reencontro entre Angeli e Bob Cuspe no filme “Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente” (2021).

Fonte: https://www.opovo.com.br/vidaearte/2021/12/21/filme-bob-cuspe-cria-campanha-de-financiamento-para-concorrer-ao-oscar.html

RELICI

Ainda sobre a produção em stop-motion, a coordenadora de produção Stephanie Saito, estimou que por mês eram realizados cinco minutos de filme, o que justifica uma produção que levou quase oito anos para ser levada às telas (MOLLICA, 2021). O filme recebeu destaque internacional, sendo vencedor do prêmio principal na mostra *contrechamp* – contracampo em livre tradução – no maior festival de animação do mundo, o Festival de Annecy, na França (SE ANIME, 2021).

METODOLOGIA

Observa-se uma lacuna procedimental quanto às metodologias de estudo em quadrinhos. Nota-se uma dificuldade no encontro de propostas metodológicas que abordem a relação entre conteúdos animados e conteúdos desenhados em quadrinhos, tendo em vista que o tempo nos dois suportes narrativos ocorre de maneira distinta, o que complexifica a análise comparativa dos mesmos. Assim, propõe-se uma metodologia inspirada na pesquisa exploratória. De acordo com Antônio Carlos Gil (1999, p. 27):

> As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores [...] Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

A partir dos preceitos do estudo exploratório e objetivando identificar as estratégias narrativas voltadas para a morte do personagem Bob Cuspe, propomos uma metodologia baseada no estudo de quadrinhos e no estudo de animações. Primeiramente, levamos em conta dois princípios abordados por Scott McCloud em sua obra “Desvendando os quadrinhos” de 2005. O primeiro diz respeito ao tempo *versus* espaço na relação animação *versus* quadrinhos, onde a animação é uma arte

sequencial quando se refere ao tempo e os quadrinhos representam uma arte sequencial correspondente ao espaço, ou seja, “o espaço é pros quadrinhos o que o tempo é para o filme” (MCCLOUD, 2005, p. 7).

O segundo princípio diz respeito à subtratividade *versus* a aditividade das histórias em quadrinhos. Sobre isso, o autor mostra como é possível contar a mesma história retirando ou adicionando quadros da narrativa em quadrinhos (MCCLOUD, 2005). Assim, procuramos uma estratégia metodológica onde fosse possível visualizar de forma espacial tanto quadrinhos quanto animação, contemplando o resumo da narrativa através da subtração de quadros e frames, proposta por McCloud (2005), sem a perda de informações relevantes para a análise.

Desta forma, a partir de quadros extraídos dos quadrinhos dos irmãos Kowalski de 2008 presentes na antologia “Todo Bob Cuspe” de 2015, que narram a morte do personagem Bob Cuspe, e dos frames do filme “Bob Cuspe - Nós não gostamos de gente” de 2021, onde é narrado o fim do personagem, montamos uma estratégia de apresentação similar dos objetos de análise para possibilitar o estudo comparativo. Quanto aos quadrinhos, separou-se os pontos principais da narrativa em tirinhas identificadas pelo número de página e número da tirinha, tendo em vista uma leitura ocidental dos quadrinhos da esquerda para direita e de cima para baixo.

Já no filme, separou-se os frames principais onde a ação ocorre. Foi realizada a legenda das falas para que tivéssemos uma noção narrativa similar às tirinhas, e identificou-se os frames de acordo com o tempo que os mesmos aparecem na animação. Cumprindo assim, uma tentativa de leitura inspirada no que aborda McCloud (2005): espaço para os quadrinhos (número de página e espaço dentro página) e tempo para a animação (minutagem do filme).

Figura 9 – Comparação visual entre as tirinhas dos irmãos Kowalski, 2008 e dos frames do filme “Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente”, 2021.

RELICI

Fonte: tirinhas e frames organizados e editados pela autora.

Adiante nesta comunicação, será elaborada com maior profundidade a análise possível através desta estratégia metodológica.

PUNK IS NOT DEAD: A MORTE DO PERSONAGEM BOB CUSPE

Através da metodologia proposta, conseguimos identificar diferentes estratégias narrativas acerca da morte do personagem Bob Cuspe nos quadrinhos e na animação. Na narrativa original, a morte do personagem Bob Cuspe ocorre em uma participação especial do personagem na história dos irmãos Kowalski em 2008. Nas tirinhas, observamos um mundo pós-apocalíptico onde os irmãos Kowalski estão com fome e o Bob Cuspe aparece como uma espécie de ameaça ao oferecer mini mutantes Elton Johns aos irmãos Kowalski. Bob Cuspe, agora um velho punk, ainda mora nos esgotos e lá captura e prende os irmãos Kowalski.

RELICI

Os gêmeos alertam o perigo de se manter vários mini mutantes no mesmo espaço, já que os mesmos se agrupam e se alimentam de carne de punk velho. Porém, rapidamente, Bob Cuspe é devorado pelos Elton Johnzinhos, perpetuando um dos maiores medos da cultura punk, ser devorado pelo pop (SE ANIMA, 2021). Os irmãos Kowalski decretam a morte de Bob Cuspe com a frase “punk is dead!”.

Figura 10 – Extração de tirinhas dos irmãos Kowalski, 2008.

KOWALSKI, 2008.

Trecho da saga dos irmãos Kowalski, com participação especial de Bob Cuspe *In:* Todo Bob Cuspe, Angeli, 2015.

Pg. 225, tirinha 1

Pg. 225, tirinha 3

Pg. 226, tirinha 1

Fonte: Digitalização e organização da autora.

RELICI

A morte de Bob Cuspe nos quadrinhos é rápida, ao contrário da morte da Rê Bordosa, que possuía requintes de crueldade e um certo detalhamento estratégico do autor (DOSSIÊ RÊ BORDOSA, 2008). Ao leitor, aparenta que Angeli decidiu livrar-se do personagem sem lamentações ou apego, não levando em consideração a expectativa dos fãs do personagem que esperavam um adeus adequado ao estilo Rê Bordosa.

Muitas dúvidas restaram da leitura da morte de Bob Cuspe nos quadrinhos: por que o personagem não utilizou o seu superpoder, o cuspe? Estaria o Bob Cuspe velho demais para lutar contra os Elton John's mutantes? Ou ainda, o pop matou o punk?

O filme “Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente” retoma essa narrativa que aparentemente estava encerrada. Nele, temos um Bob Cuspe mais adaptável e que não desistiu do punk. A narrativa parte do mesmo princípio que nos quadrinhos, um mundo pós-apocalíptico onde os irmãos Kowalski procuram a sobrevivência. Eles encontram o Bob Cuspe e, assim como nos quadrinhos, ele os prende na sua casa, o esgoto. Porém, aqui os irmãos Kowalski são grandes admiradores do punk e o veem como a salvação, pois o identificam das escrituras sagradas, que nada mais são do que os quadrinhos da revista *Chiclete com Banana*. Neste ponto, o filme utiliza uma interessante estratégia para o arco do protagonista: a introdução dos quadrinhos como elemento dentro da animação.

A narrativa se desenvolve mais ou menos como nos quadrinhos: os mini mutantes se agrupam para devorar o Bob Cuspe, porém, ele consegue se libertar e se surpreende ao confrontar a realidade trazida através dos quadrinhos da *Chiclete com Banana*, de que ser devorado pelos Elton Johnzinhos era o fim planejado por seu criador, Angeli. Assim, Bob Cuspe liberta os irmãos Kowalski e os três partem em uma *road trip* pela mente do Angeli, em busca de um confronto sobre sua morte.

RELICI

Figura 11 – Cena do filme “Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente”

Fonte: https://www.folhape.com.br/cultura/bob-cuspe-nos-nao-gostamos-de-gente-desvenda-a-mente-punk-de-angeli/205635/

A partir dessa jornada, Bob Cuspe enfrenta vários obstáculos, sendo o principal deles o reencontro com seu criador. Angeli está no submundo de sua mente, tomando um drink com outra personagem que, até então, o cartunista acreditava que estava morta, Rê Bordosa. Bob Cuspe se encontra com eles e fala que está velho para isso. O Angeli, em tom debochado, fala que o personagem ganhou vida própria. Bob Cuspe, joga no chão vários óculos dos mini Elton John's que ele derrotou durante o percurso até ali, tira o vinil de música pop que está tocando e coloca um vinil de punk, sai de cena falando “punk is not dead!” e encerra o filme escarrando na tela.

Aqui temos diversos elementos narrativos que reposicionam o personagem Bob Cuspe dentro do nosso imaginário coletivo. Primeiro há o confronto com seu

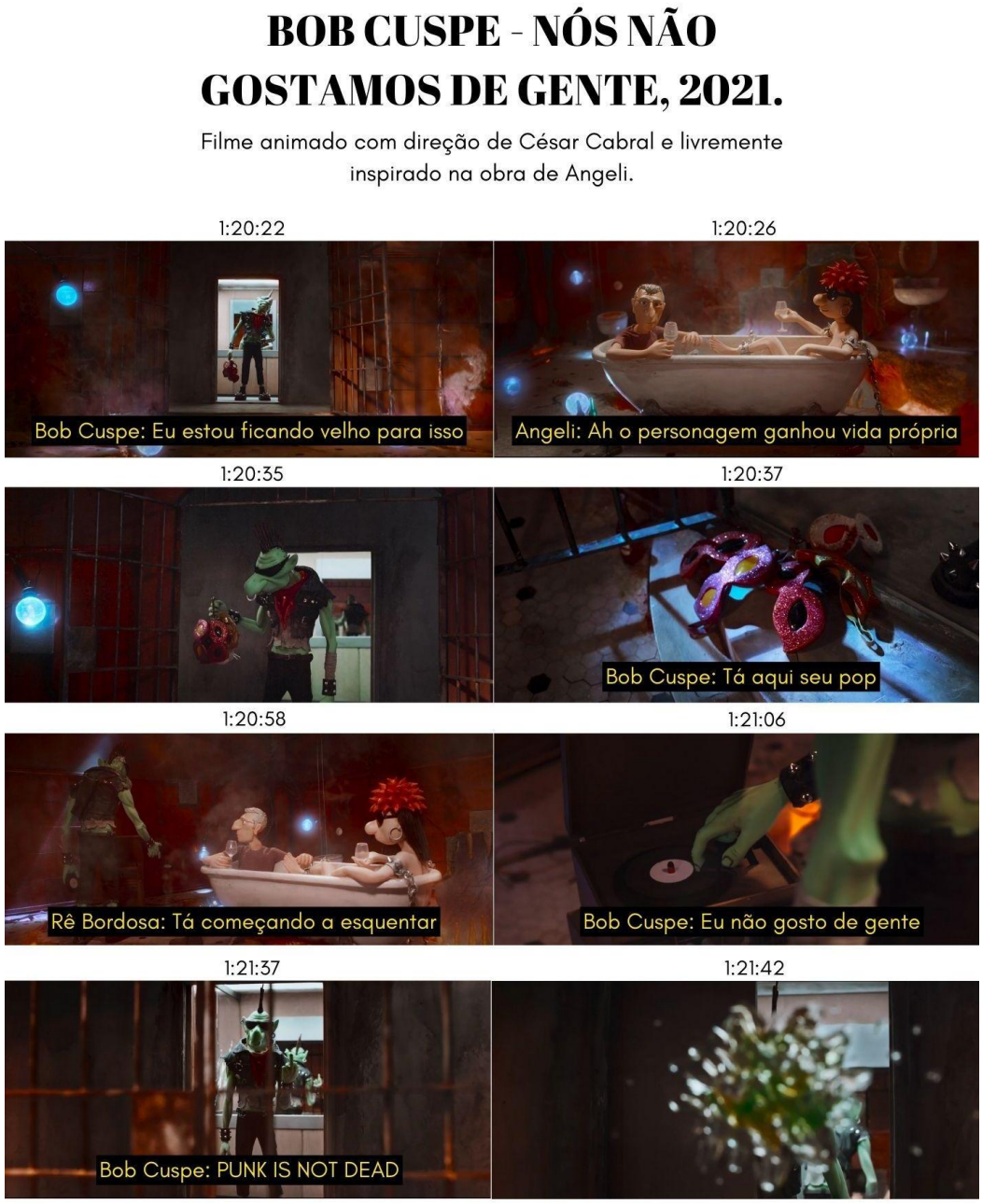
criador, ao não aceitar a morte prevista nos quadrinhos e tomar sua posição dentro da própria cabeça do Angeli. Bob Cuspe derrota o pop e reconquista o orgulho punk. Durante toda a narrativa, assim como nos quadrinhos, o personagem não escarra em nenhum momento, o que gera questionamento tanto dos espectadores, quanto dos próprios personagens irmãos Kowalski, com a possibilidade do punk ter perdido seu superpoder. Mas na última cena do filme somos confrontados com a cusparada característica do personagem, mostrando que seu superpoder está vivo, assim como ele próprio.

Outra estratégia narrativa de destaque diz respeito ao personagem contracenando com seu criador, ganhando “vida própria”, como diz Angeli e o confrontando quanto às suas decisões narrativas. Tendo em vista que o filme é um documentário animado, o confronto é também do próprio Angeli, em crise sobre suas decisões narrativas e quanto aos destinos de seus personagens.

O reencontro de Angeli com personagens até então mortos, como Bob Cuspe e Rê Bordosa, atenta para uma realidade do criador: seus personagens sempre estarão vivos em sua mente, ainda que não mais presentes nos seus quadrinhos.

RELICI

Figura 12 – Extração de frames do filme “Bob Cuspe – Nós não gostamos de gente”



Fonte: Captura de tela e organização da autora.

RELICI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma história em diferentes suportes abrange diversas características mutáveis que, ainda sim, podem convergir para a mesma narrativa. Nesta pesquisa, se comparou duas narrativas sobre o mesmo acontecimento em suportes distintos, o que possibilitou a aplicação de uma estratégia metodológica experimental para analisar as similaridades e diferenças em ambas as histórias.

A animação brasileira está firmada em sua arte anterior, os quadrinhos. Além de quadrinistas que se tornaram animadores, temos quadrinhos que se tornam animação, como é visto no presente artigo. Assim, para a compreensão e estudo da animação brasileira, se faz necessário o desenvolvimento de estratégias metodológicas que busquem a união desses dois suportes narrativos a fim de extrair as convergências e divergências fundamentais para a sua análise.

O uso dos quadrinhos como um elemento dentro da narrativa animada, neste caso como uma escritura sagrada que antecipa os movimentos dos personagens, mostrou-se uma estratégia singular que permitiu a auto reflexão do personagem e o confronto do mesmo com seu criador, algo que não era possível dentro dos quadrinhos, pois nele Angeli é autor, logo, quem define todos os acontecimentos. Já no longa-metragem documental, os personagens escorregam das mãos de Angeli, ganhando voz ativa pelas mãos dos roteiristas, César Cabral e Leandro Maciel.

Por fim, como proposta de futuras pesquisas, buscaremos ampliar o corpus de análise para mais obras em quadrinhos do Angeli, em conjunto com animações do César Cabral, visto que há extenso material nesse formato. E, também, aperfeiçoar a estratégia metodológica, para assim aplicá-la em demais pesquisas onde é necessária a comparação entre quadrinhos e filmes animados.

RELICI

Figura 13 – Quadrinho extraído da coletânea “Todo Bob Cuspe” (2015)

Fonte: Digitalização da autora.

REFERÊNCIAS

ANGELI. **Todo Bob Cuspe**. 1ª Ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015.

BOB CUSPE - Nós Não Gostamos de Gente. Direção: Cesar Cabral. Produção: Cesar Cabral. Brasil: Coala Filmes, Canal Brasil, 2021. 1 filme (90 min). Disponível em: https://www.vitrinefilmes.com.br/filme/bob-cuspe/. Acesso em: 05 dez. 2022.

DINIZ, Fernando Dias. **Os quadrinhos de Angeli e o contemporâneo brasileiro**. 2001. Dissertação (Mestrado em história) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

DOSSIÊ Rê Bordosa. Direção: Cesar Cabral. Roteiro: Cesar Cabral e Leandro Maciel. Brasil: Coala Filmes, 2008. 1 filme (16 min). Disponível em: http://www.coalafilmes.com.br/Obra.aspx?obra=curta-metragem-dossie-re-bordosa. Acesso em: 05 dez. 2022.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MAPEAMENTO DA ANIMAÇÃO NO BRASIL. **Público**. [*S./*], 2019 Disponível em: http://mapeamentoanimacao.com.br/. Acesso em: 04 dez. 20022.

MARTINS, India Mara. A animação como estratégia narrativa em dois documentários brasileiros. **Razón y Palabra**, Quito, Ecuador, 2011, n. 76. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1995/199519981041.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

MATTOS, Carlos Alberto. Dossiê Rê Bordosa. In: CARNEIRO, Gabriel; SILVA, Pedro Henrique. **Animação Brasileira:** 100 filmes essenciais. 1ª ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018. P. 319-321.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos:** história, criação, desenho, animação, roteiro. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda., 2005.

MOLLICA, Kiko. **Bastidores de BOB CUSPE - NÓS NÃO GOSTAMOS DE GENTE.** YouTube, 15 out. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IBV-SeeOCwc. Acesso em: 08 dez. 2022.

SE ANIME: Bob Cuspe, Cesar Cabral e Leandro Maciel. [Locução de]: Vinicius Augusto Bozzo, Cesar Cabral e Leandro Maciel. [*S. l.*]: Se anime, Cosmonerd, 21 jul. 2021. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/6AdHoXLX7Q6SOY6rGqiBV0?si=IUrwUmifTNumWNJbtJg-Bw&utm_source=whatsapp. Acesso em: 29 nov. 2022.